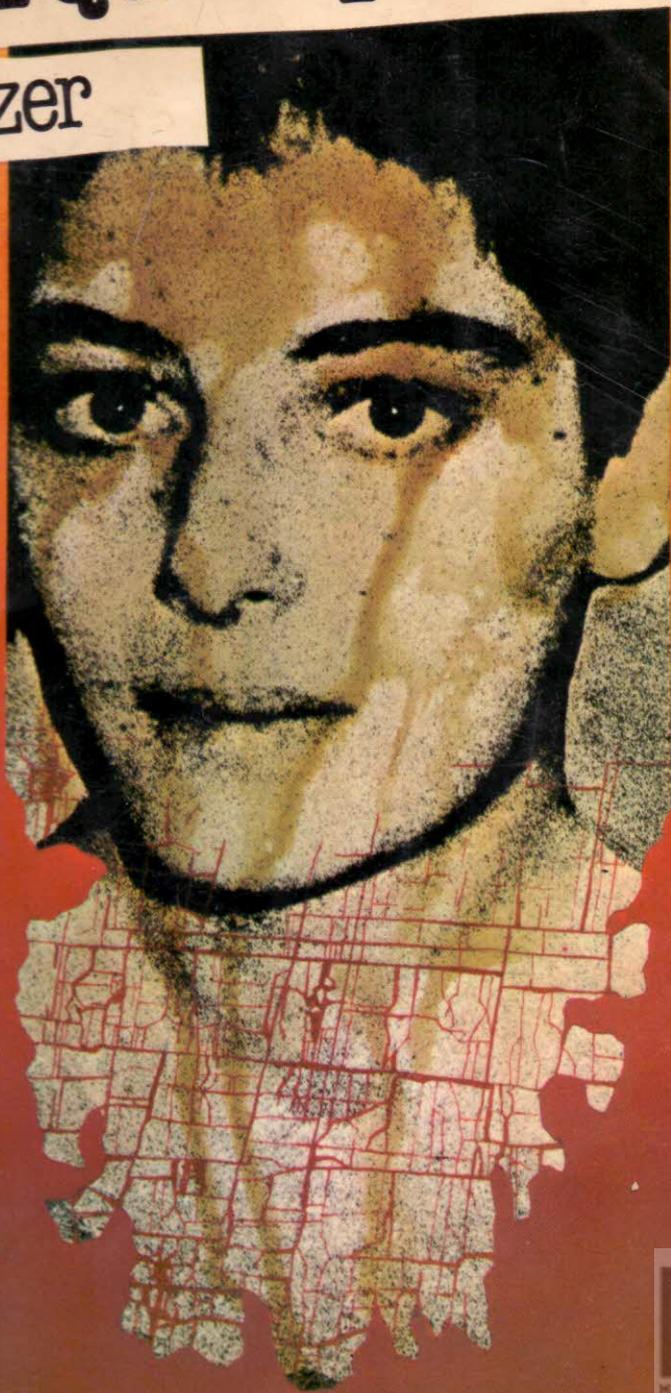


A Queda para o Alto

Herzer



 VOZES

BAJUBÁ
MEMÓRIA LOST

A QUEDA PARA O ALTO

Herzer

BAURBÍ
MEMÓRIA. LDBY

HERZER

A QUEDA PARA O ALTO

Prefácio de Eduardo Matarazzo Suplicy

5ª Edição

Adelie
outono /
83



Petrópolis
1983

BAJUBÁ
MEMÓRIA. LOST

© 1982, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25600 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Beatriz Salgueiro

*Dedico este livro ao Amigo,
Companheiro, Mestre incansável,
ao Pai, ao Irmão,
ao Homem que as palavras jamais
conseguirão definir...
A Eduardo Matarazzo Suplicy!*

*Agradeço aos amigos que incansáveis me
auxiliaram no cumprimento desta obra e que
nesta hora estejam certos de que este sonho
realizado constitui momentos e a presença
marcante de cada um.
Eduardo Suplicy, Carlos Alberto Luppi,
Lia Junqueira, Ana Cecília, Franciso A. Neto,
Nereide Dalbon, Dora Massari, e demais
que me apoiaram a jamais desistir da meta
para chegar a este ponto de chegada.*

Sumário

Prefácio, 9

Al perderte..., 17

Apresentação, 19

PARTE I

Depoimento, 21

PARTE II

Poemas, 141

Prefácio

Ela só queria que as pessoas fossem humanas

O depoimento de Herzer constitui o retrato de um dos mais sérios problemas da realidade brasileira: o do menor em dificuldades por não ter tido condições adequadas de sobrevivência e convivência em casa, e de como as instituições como a FEBEM, Fundação do Bem-Estar do Menor, muitas vezes levam-no a uma situação quase tão desesperadora quanto a se ele estivesse perambulando pelas ruas.

Tão dramático e verdadeiro quanto o que muitos brasileiros e pessoas de todo o mundo conheceram em "O Pixote", este é o relato excepcional do próprio personagem que viveu dos 14 anos aos 17 anos e meio em diversas unidades da FEBEM em São Paulo. Em 1980, através de Lia Junqueira, presidente do Movimento em Defesa do Menor, fiquei conhecendo algumas dessas unidades e o caso de uma pessoa que não tinha mais razão alguma para estar internada naquela instituição. O Juiz de Menores, entretanto, só a liberaria se alguém se responsabilizasse por ela, para que assim pudesse trabalhar e morar fora.

Na sede do Movimento em Defesa do Menor fiquei conhecendo Herzer. Perguntei-lhe de sua vida. Li as suas poesias e peças de teatro, algumas das quais haviam sido consideradas as melhores feitas dentre as escritas por todos os menores nas unidades da FEBEM. Estava preocupada com a intenção da FEBEM em publicá-las e do possível uso que fizesse de seu trabalho.

Mas percebi que em Herzer havia uma grande sensibilidade e percepção a respeito do mundo que conhecera, da pobreza no interior do Paraná, da morte trágica de seu pai, da vida de sua mãe que percebia ser de ninguém e de todos, mas que também se foi quando Herzer ainda estava na sua primeira infância; das difíceis situações que passou com seus pais adotivos; do mundo desregrado do álcool, do optalidon, da maconha, das aventuras dentro e fora da FEBEM; das alegres fugas e tristes retornos; da vontade de transmitir ao mundo a sua experiência. Principalmente para tentar ajudar a cada criança ou adulto, que pudesse passar por algo semelhante e para revelar claramente à sociedade o que existe e que poderia ser diferente.

Havia uma enorme barreira para Herzer conseguir um lugar numa pensão ou arrumar um emprego regular. Pessoa doce, que tratava muito bem aos que lhe respeitavam, capaz de se desdobrar em esforços para fazer um bem a quem necessitasse de alguma ajuda, porém com uma dificuldade de ser aceita normalmente por todos. Pois ao longo de seu tempo na FEBEM, pouco a pouco, e cada vez mais fortemente, Herzer passou a se sentir e a se portar como se fosse homem. Não sei exatamente as razões, a FEBEM nunca lhe explicou, mas ocorreu com Herzer uma transformação.

Segundo o testemunho da Dra. Albertina Duarte Takiuti, médica ginecologista do Hospital das Clínicas, aonde levei Herzer para uma consulta em junho passado, os seus caracteres sexuais femininos sofreram uma parada em seu desenvolvimento. O diagnóstico completo de seu balanço hormonal ainda não havia sido completado, embora iniciado, por causa de seu receio a respeito de sua própria condição.

Em seu corpo cresceram pelos, seu cabelo foi cortado como o de um rapaz. Passou a usar roupas exclusivamente masculinas. Em todas as unidades femininas da FEBEM, principalmente na Vila Maria em que passou mais tempo, Herzer se tornou, mais que líder, “chefe de família”, pessoa responsável por muitas iniciativas. Organizava, por exemplo, a apresentação das peças de teatro de sua autoria com a participação de muitas companheiras.

Um dos fatores que provavelmente contribuiu para a transformação da personalidade da menina Sandra Mara Herzer em Anderson Bigode Herzer foi o desaparecimento de seu namorado, de apelido “Bigode”. Bigode teria falecido num acidente de moto. Segundo Lia Junqueira, a menina Sandra

Mara ficou tão triste com a morte do único homem que aprendera a gostar, que pensou em se tornar “Bigode”. Em seu punho ela fez uma tatuagem: “Big”.

Herzer contou a mim e a Lia Junqueira, no dia em que a conheci, o episódio de seu namorado Bigode. Provavelmente porque preferia não ter mais a lembrança de se sentir mulher, optou por não contar esse episódio em seu livro.

Em março de 1980, responsabilizei-me por ela perante o Juiz, afirmando que procuraria assegurar-lhe trabalho e a possibilidade de pagar uma pensão. Convidei-a para trabalhar no gabinete durante o primeiro semestre e, em agosto de 1980, indiquei-a para a função de oficial legislativo. Embora apenas com um ginásio precário feito na FEBEM, Herzer sabia escrever bem e datilografar, o que a ajudaria em seu trabalho.

Apresentei-a a Rose-Marie Muraro a fim de lhe mostrar as suas poesias para eventual publicação, pela Editora Vozes. Mas Rose-Marie percebeu que elas teriam muito mais sentido se pudessem estar acompanhadas da própria história de Anderson Bigode (Big) ou de Sandra Mara Herzer. Nestes dois anos continuou trabalhando e escrevendo. Diversas atribuições ocorreram. Por duas vezes, de madrugada, fui buscá-la na Delegacia do Parque D. Pedro II. Ela estivera perambulando em lugar de vida noturna. Nem sempre esteve bem de saúde, ora apresentando sinais de anemia, ora de disritmia. Nos últimos meses estava preocupada com um caroço que aparecera em seu pescoço. Marcara exames no Hospital das Clínicas, no início de setembro, para verificar o que havia, por recomendação da Dra. Albertina Duarte Takiuti. Em meio a todas as dificuldades, Herzer teve muita fibra para acreditar em si e transmitir esse extraordinário depoimento com uma qualidade literária surpreendente.

Ao lado de diversos funcionários da Assembléia Legislativa, Herzer participou da autoria de um livro de poesias, “Versejando”, lançado em julho último. Sentiu muito que algumas pessoas, eu próprio, não estivessem presentes. Como no seu poema “Mataram João Ninguém”, ela sempre estava pensando no destino dos que andam sós:

“e João Morreu... ninguém ouviu.
Eu vou distribuir panfletos,
dizendo que João morreu.
Talvez alguém se recorde
do João que falo, eu.

Falo daqueles mendigos que somos,
pelo menos em matéria de amor,
aquele amor que esquecemos de cultivar
o qual, com tanto dinheiro, ninguém jamais corouu”.

Em julho passado, Herzer havia participado de um concurso na Assembléia Legislativa. Caso passasse, teria condições de ser efetivado. Não passou. Mesmo à entrada do exame, os responsáveis duvidaram de sua identidade: Um rapaz com o nome de Sandra Mara?

Logo veio sua exoneração. A burocracia da Assembléia Legislativa demorou para lhe pagar o que devia. Herzer demonstrava muita ansiedade. Em 5 de agosto, como também dez dias antes, dei-lhe alguns recursos para que pudesse pagar suas despesas diárias. Nesse mesmo dia, entretanto, por diversas razões, Herzer escreveu:

MINHA VIDA, MEU APLAUSO

Fiz de minha vida um enorme palco
sem atores, para a peça em cartaz
sem ninguém para aplaudir este meu pranto
que vai pingando e uma poça no palco se faz.
Palco triste é meu mundo desabitado
solitário me apresenta como astro
astro que chora, ri e se curva à derrota
e derrotado muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar triste
mas todo mundo estava cansado de ver isso
e todo mundo se esqueceu de minha estréia
pois todo mundo tinha um outro compromisso.
Mas um dia meu palco, escuro, continuou
e muita gente curiosa veio me ver
viram no palco um corpo já estendido
eram meus fãs que vieram pra me ver morrer.
Esta noite foi a noite em que virei astro
a multidão estava lá, atenta como eu queria
suspirei eterna e vitoriosamente
pois ali o personagem nascia
e eu, ator do mundo, com minha solidão...
morria!

Anderson Herzer

No dia 9 de agosto, Sandra Mara, como eu sempre a chamara, embora ela preferisse ser Anderson, conversou comigo sobre as suas preocupações. Procurei animá-la, dizendo que seu livro sairia em um ou dois meses, que oportunidades de trabalho não faltariam, ainda mais em vista de sua capacidade e boa vontade. Mas algo dentro de si parecia levá-la a uma terrível decisão.

Ela ainda conversou no meu gabinete com as pessoas que lá trabalham, Myriam, Lourivaldo e Sheila. Disse ao Lourivaldo que não poderia ir à reunião do dia seguinte combinada com Myriam em minha casa. Lourivaldo lhe deu 500 cruzeiros, pensando ser esse o motivo. Herzer saiu da Assembléia com Vanderlice, tendo ambas passado num bar, onde tomou uma dose de três fazendas. Vanderlice ligou para minha casa, dizendo que poderia ocorrer algo trágico com o Anderson. Disse-lhe: “peça que me ligue logo”. Mas ela havia se dirigido para o Viaduto 23 de Maio, e pensei que seria difícil encontrar uma pessoa pelas ruas. Deveria ter ido, mas me lembrei que Sandra Mara, após ter me mostrado a sua poesia, “Minha Vida, Meu Aplauso”, e ter lhe dito que, embora bonita, não deveria pensar em morrer, havia me dito que se tratava apenas de força de expressão poética.

Infelizmente, por volta das 23,30 horas telefonaram-me do Hospital Gastroclínica dizendo que alguém havia levado para lá Sandra Mara Herzer, achada gravemente ferida embaixo do Viaduto 23 de Maio. Em seu bolso um envelope de optalidons, indicando que dez comprimidos haviam sido tomados, e duzentos e poucos cruzeiros. Também um papel com meu nome e telefone. Estava muito mal e iriam transferi-la para o Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas.

Lá a encontrei, em estado de choque, porém ainda consciente. Olhou-me nos olhos, apertou a minha mão, disse-me que estava com muitas dores. Pediu-me que a virasse na maca, mas não era possível. Sua bacia havia fraturado em três lugares e havia perigo de hemorragia interna. O deputado e médico João Batista Breda, que lá me acompanhara, explicou-me que suas radiografias mostravam uma grande ruptura dos ossos da bacia. Na base, estavam distanciados 5 centímetros um do outro. As sete horas da manhã ela piorou, ficou inconsciente. Ela precisava receber sangue. Enquanto eu estava no Banco de Sangue, tendo já feito a doação, vieram me avisar que não adiantava mais. Herzer faleceu às 9,30 horas da manhã de 10 de agosto de 1982.

Não sei ainda qual a pessoa que a achou na 23 de Maio, estendida no asfalto, com uma estrela do PT na lapela de seu terno, muito ferida, e que a levou para a Gastroclínica. Seria importante que pudesse se comunicar comigo e com os amigos de Herzer. Pois assim nos tranquilizaria a respeito de qualquer hipótese de uma morte provocada por terceiros.

Como ela própria disse muitas vezes, seu desejo era que esta obra fosse dedicada à causa dos menores. Sua irmã, Tânia Mara Peruzzo, e seus pais adotivos, concordaram que os direitos autorais do livro e da história de Herzer sejam destinados aos menores, aos movimentos em defesa dos menores marginalizados pela sociedade. O que ela queria, afinal, é que todas as pessoas se tornassem realmente seres humanos.

Conforme consta de sua pequena biografia no livro "Versejando", com dados que ela própria forneceu: "Anderson Herzer, jovem poeta, escreve desde os 12 anos de idade, e brevemente verá o seu ideal realizado, através do seu primeiro livro. O livro contém denúncias sobre a FEBEM, onde esteve. O principal tema do livro é tentar diminuir as violências, corrupções e a morte de menores, que necessitam apenas de amor, compreensão e não serem massacrados pela sociedade".

São Paulo, 27 de agosto de 1982

Eduardo Matarazzo Suplicy

São Paulo, 31 de março de 1980

Prezado Dr. Humberto Marini Neto

Encaminho através de V. Sa. o ofício ao MM. Sr. Juiz de Menores, solicitando a concessão de licença à menor Sandra Mara Herzer sair da FEBEM para trabalhar em meu gabinete, na Assembléia Legislativa.

Agradecendo a sua atenção por ocasião de nossa visita a esse estabelecimento, venho solicitar que entregue ao portador desta, Sra. Myriam Taubkin, os trabalhos da menor Sandra Mara Herzer que, conforme sua vontade, ficarão aos meus cuidados.

Respeitosamente,

Deputado Eduardo Matarazzo Suplicy

Ilmo Sr.
Dr. Humberto Marini Neto
DD. Diretor da Unidade da FEBEM de Vila Maria
São Paulo — Capital



São Paulo, 31 de março de 1980

MM. Senhor Juiz:

Venho solicitar ao MM. Juiz de Menores Titular, da Capital, através do Diretor da Unidade da FEBEM de Vila Maria, Dr. Humberto Marini Neto, que conceda permissão à menor Sandra Mara Herzer para sair da FEBEM a fim de trabalhar junto ao meu gabinete na Assembléia Legislativa de São Paulo. Por não dispor de vaga no momento, não é viável o registro de Sandra Mara como funcionária da Assembléia. Comprometo-me, porém, a prover o suficiente para a sua pensão (moradia e alimentação) durante os meses de abril, maio e junho, pelo menos, bem como o necessário para o seu registro como autônoma no INPS.

Em meu gabinete, a Sandra Mara terá condições de realizar um trabalho interessante que poderá servir para que encontre novas perspectivas em sua vida. Ademais, nesses três meses, até que complete 18 anos, verificarei junto a uma editora a possibilidade de aproveitar os seus trabalhos para eventual publicação, e procurarei ajudá-la a encontrar um trabalho regular.

Respeitosamente,

Deputado Eduardo Matarazzo Suplicy

Meritíssimo Senhor Juiz
Dr. Milton Silveira
Rua Asdrubal do Nascimento, 282
São Paulo — Capital

Al perderte ...

*Al perderte yo a ti
Tú y yo hemos perdido:
Yo por que tú eras
Lo que yo más amaba
Y tú por que yo era
el que te amaba más.
Pero de nosotros dos
tú pierdes más que yo:
Porque yo podré amar a otras
como te amaba a ti,
pero a ti no te amarán
como te amaba yo.*

(Ernesto Cardenal)

Ainda sob o impacto de sua última fuga, esta sem retorno, me foi pedido que escrevesse alguma coisa. Como se tornam inúteis as palavras frente ao seu grito de raiva de uma sociedade injusta e cruel!

Porém, de repente, me veio à memória a história de Sandrinha, de 13 anos de idade, tão carente de amor, e que encontrou aquele rapazinho, que por ela se apaixonou. Seu apelido era Bigode.

Sandrinha, ao conhecê-lo, passou a conhecer todas as sensações de afeto, de segurança, e até de ser amada, passou a ser importante!

Foram poucos dias de vida, porém foram muito bem vividos. Bigode morreu no asfalto, num acidente de moto. Sandra, que agora conhecia o amor, não podia deixar Bigode morrer. Assim, num passe mágico, Bigode continuou vivendo através de Sandra e ela se transformou em todas as outras mulheres do mundo. As depressões são profundas nos momentos raros em que Bigode desaparece e Sandra tem que assu-

mir Sandra. Por isso mesmo, ela policiava todos os seus momentos para impedir a ausência de Bigode.

Quero acreditar que, naquela noite chuvosa de agosto de 82, num descuido seu, Bigode se ausentou e repentinamente ela se sentiu desamada. Sem amor, sem Bigode, desesperada saiu à sua procura, e repentinamente percebeu que só havia uma maneira de encontrá-lo, não tinha outra saída. E ao cair no asfalto, subiu com Bigode para nunca mais descer...

Lia Junqueira

São Paulo, 25-08-82

Apresentação

Para que nos apresentemos, vamos a uma poesia, na qual eu me transfiguro, a seguir iniciamos o nosso trabalho. Boa leitura.

A GOTA DE SANGUE

Eu decaí, eu persisti
tentei por todos os meios ser forte.
Lutei contra o tempo,
chorei em silêncio
gritei seu nome ao vento.
Sou filho da gota
fui templo de miséria
meu pai, um perdido
minha mãe, a megera.
Cresci vendo prantos,
dormi em meio à mata
chorei gotas sanguíneas
sou o pecado, sou a traça.
Eu ouvi um grito de desespero,
vi a lenta corrupção,
vi o olhar do corruptor,
vi uma vida na destruição
eu vi o assassinato do amor.
Tentei, venci, a vitória conquistei
porém um dia faleci.
Hoje estou em sua lembrança
eu sou sua alma oculta
e serei sua esperança.

Anderson Herzer

Mesmo prestes a me despedir definitivamente do Sr. Humberto, ele, em uma de nossas discussões, ameaça me mandar para um sanatório, porque eu me recusei a cumprir o castigo na cafua, por ter respondido a um funcionário.

Ele pega o aparelho telefônico e fala com Richard (psiquiatra da casa), para que meu encaminhamento fosse preparado, pois eu não tinha condições de continuar na unidade.

Enquanto ele falava ao telefone o sangue me fervia nas veias como larvas de um vulcão em erupção. Eu dei um murro no telefone jogando-o no chão.

As coisas pioraram, apanhei a noite dele e do inspetor Abel (seu carrasco), que queria me obrigar a entrar na cafua e desistir de sair da unidade, pois o Sr. Humberto disse que eu só sairia de lá quando estivesse de "bigodes brancos". No dia seguinte, na Assembléia, conto ao Sr. Eduardo o que havia acontecido, e graças aos céus no dia seguinte minha assistente social diz que havia recebido o ofício que me desligava da unidade definitivamente. Daquele momento em diante eu estava nas mãos do Sr. Eduardo. Eu confiava nele mais do que em minhas próprias decisões. Arrumei minhas coisas. Um carro me aguarda na saída. Aquele último olhar aos menores que durante tanto tempo me acompanharam sem receio, confiantes. Mas era chegada a hora do adeus, um breve adeus, quando nem mesmo a língua se movia direito, pois os soluços lhe faziam engolir aquele pranto de felicidade, mas de dúvida por deixar todos nas mãos daquele homem. Sabia que seriam espancados, torturados, sabia de tudo. Foi aí que prometi que faria algo, diria algo por eles, contaria aqui fora de tudo que se passava escondido lá dentro. Não sabia se adiantaria muito, talvez nada, talvez um mínimo. Bastaria que eu fosse mais um a unir-me em defesa dos menores carentes, como dizia um provérbio antigamente: "Você pode não ser nada para o mundo, mas pode representar o mundo para um alguém".

Eles continuariam durante tempos ainda naquele mundo onde a ilusão predominava e eu partia para um mundo diferente, muito mais iludido que aquele, pois nesse mundo aqui fora, as pessoas se iludem tanto que se tornam incapazes de reparar, de apurar o ouvido e ouvir um dos nossos minúsculos gemidos.

Eu há muito sabia que um dia diria obrigado por algo de bom, como todos os menores, eu sei, sonham em ter alguém, para um dia poder agradecer. E eu tive. E se me permitem, gostaria de agradecer a esse caminho, a essa luz, este ser, este homem, este amigo, este mestre que me ensinou a viver...

Ao Sr. Eduardo Matarazzo Suplicy:

Sabe homem; nem sei o que seria do universo se todos os homens merecessem serem chamados por homem.

É algo difícil de se explicar, e pessoalmente eu jamais conseguiria, pois me faltariam palavras para poder descrevê-lo; e talvez seja por eu sentir vergonha de que me interprete mal.

Mas é essencial para mim dizer o que penso, por isso espero que me compreenda, mesmo que eu não consiga escrever as palavras corretamente.

Sabe, você sabe minha estória, sabe de onde vim, sabe tudo de mim, e talvez saiba até aquele res-tinho que eu não quero admitir.

Poucas vezes vi seus filhos, mas muitas vezes pensei sozinho, o quanto eles devem andar de cabeça erguida, com o peito cheio de orgulho, por notarem o pai formidável que têm.

É certo que você me conhece há pouco tempo, e talvez pense até que eu sou somente uma pessoa a quem você estendeu a mão, e que eu não contribuí em nada, apenas lhe dei problemas e despesas.

Mas eu não penso assim de você, e isso é que me importa. Você para mim é a vida que eu vivo a cada dia que se passa, é quem quando me ajudou não me rejeitou nem por um momento por eu ser apenas um pedaço de sangue já coalhado e pisado, quem me tirou o lodo que cobria a minha face. Enfim, palavras não seriam suficientes e sim um esforço de minha parte para que um dia você possa sentir que compensou alguma coisa todo este trabalho que está tendo agora.

Bem, acho que não adianta dizer mais nada, pois a realidade não é feita somente de palavras e sim dos atos diários de cada pessoa.

Para resumir o que tanto tento dizer, sem querer ofendê-lo, é que você é aquela linha que a maior parte das pessoas têm na vida, mas na minha vida o destino já se intrometeu duas vezes e apagou o que estava escrito, a linha onde se escreve o nome do nosso pai.

De quem sempre te lembrará em cada lágrima ou sorriso de vitória...

HERZER

E a este Homem, eu agradeço, e sei que muito mais tenho a agradecer, pois ele não teve preconceito algum sobre minha pessoa. Ele não quis saber qual era meu nome exato, ou por que um nome feminino denominava uma pessoa como eu, uma pessoa que lhe falava franca e abertamente a respeito de meus casos amorosos, da beleza desta ou daquela, ao passo que antes eu só conhecia as opiniões dos "homens", *pobres homens*, que me criticaram e ainda criticam hoje dizendo que eles sim eram homens, pelo órgão que tinham no meio de suas coxas, e o fato de eu ter muitas namoradas não me fazia um homem, e agora depois de tanto tempo pensando na miserável mente destes homens. Nada tenho a dizer sobre estas mentes cobertas, sobre esta ignorância tão forte que os transforma de homem para MACHO, minúsculos machos que pensam trazer seu caráter em forma de duas bolas no meio de suas pernas.

Mas sobre estes não acho conveniente gastar palavras para tentar uma explicação ou uma desculpa para esta amnésia perdida, pois tenho nas mãos uma missão muito mais real, mais vantajosa, mais verdadeira, por algo que vale a pena discutir e se necessário gastar dias, anos, para encontrar uma solução ou pelo menos tentar contribuir com este esquecido, repudiado, corroído pela cicatriz de sua geração, esta cicatriz que lhe sangra todas as noites, dentro de uma cela, num "pau-de-arara", numa tortura que antes de lhe ferir o corpo, fere primeiramente seu coração já magoado, já tão espezinhado, tão pequeno mas tão imenso contendo toda a revolta que a razão do Macho joga contra o peito deste calado e amordaçado menor que nós temos.

O tempo vai passando, olhos vão se tapando à luz do sol, corpos estendidos inertes e frios numa rua escura, tiros varando o pequeno corpo humano, fome atacando no estômago vazio da mente solitária, frio arrepiando braços que se aquecem no sangue quente durante um assassinato.

E me perguntam as pessoas se o problema do menor tem solução; e do meu ponto de conhecimento eu respondo: "Tem!" Mas antes precisamos resolver entre nós uma única questão: Quem está disposto a entender, perdoar e estender a sua mão a um menor?

E esta questão precisa ser resolvida logo, pois eles estão todos aí, simples guerreiros sem fardas que andam pelas ruas à procura de ajuda. Não encontrando nada, a primeira vida à sua frente será sua medalha, medalha esta, que não lhe dará direito a homenagens ou troféus no futuro, mas sim, somente mais um dia de vida nessa luta presente em que nos encontramos. Às vezes matar, para poder sobreviver por mais alguns dias...

ANDERSON HERZER

Parte II
POEMAS

LEITOR:

Nestas palavras expresso o meu mundo
em que às vezes eu me perco e me confundo
minha tristeza está expressa em meu olhar
minha verdade, nestas folhas a voar.

E meus sonhos...

Às vezes os meus sonhos têm fim triste
ou às vezes conseguem até obter glória
e agora seja você quem for te revelo
em poesia, minha estória.

O Autor

Florescer

Prantos a rolar
nas faces humanas já sem compreensão
flores a secar
em terras perdidas sem amor irmão.
E se um dia eu tivesse
o calor que aquece
dores sem igual
e na noite encontrasse
a miséria que nasce
com o gosto do sal.
Sei que não compreendo
sei que não mais entendo
as dores do mal.
E se o céu me guardasse
das dores da face
todas sem feitiço.
Pintaria teu sangue
e as flores do mangue
no meu céu de abril.

Mataram João Ninguém

Quando o próximo sangue jorrar
daquele por quem ninguém irá chorar,
daquele que não deixará nada para se lembrar
daquele em quem ninguém quis acreditar.
Quando seus olhos só puderem fitar o escuro
quando seu corpo já estiver inerte, frio e duro,
quando todos perceberem morto João Ninguém
e quando longe de todos ele será seu próprio alguém.
Tantas mãos, tantas linhas incertas,
tantas vidas cobertas, sem ninguém pra sentir,
Tantas dores, tantas noites desertas
tantas mãos entreabertas, sem ninguém pra acudir.
Qualquer dia vou despir-me da luta
pisar em coisas brutas, sem me arrepender.
Tão difícil ver a vida assassinada
quando estamos já tontos pra tentar sobreviver.
As perguntas sem respostas, sem nada,
as vidas curtas e desamparadas
o último grito que não foi ouvido
calaram mais um homem iludido.
E no mundo não dão mais argumentos
pra fugir aos lamentos
de quem sozinho falece.
Para esses, não há mais compreensão,
não há mais permissão, para que se tropece.
Na televisão o aguardo da cotação
um instante ocupado, para dizer morto João Ninguém
mas a aflição ataca, a cotação subiu ou caiu?
e João morreu... ninguém ouviu.
Eu vou distribuir panfletos,

dizendo que João morreu
talvez alguém se recorde
do João que falo eu.
Falo daquele mendigo que somos
pelo menos em matéria de amor,
daquele amor que esquecemos de cultivar
o qual com tanto dinheiro, ninguém jamais corouu.

Morte de um poeta

Uma palavra...

Talvez de alegria ou talvez de tristeza.
Será que alguém teria prantos para esse momento,
teria voz, ou sequer um gesto para esse momento?
Talvez nada possa existir agora
nem mesmo vida...

Porque acabaram-se as existências
porque já é morto um pedido de vida,
agora morreu um ser que descreveu em vida,
toda a beleza de uma lágrima,
todo o sentido de um grito surdo.
Morreu agora... o Poeta.

Silêncio

O corpo é contemplado com serenidade,
as lágrimas ressoam sussurrantes, e descem em fileiras
pelas faces
de todos que acompanharam o seu mundo.
Ao seu redor as flores pareciam querer dizer
que a vida morreu de viver.
Olhando um corpo frio, estendido sobre a mesa,
coberto por um preto véu,
iluminado com velas em castiçais e rodeado pela revolta,
pela mágoa dos corações que estão apertados dentro de cada um.
Talvez todos devessem acreditar na ressurreição
e gritar para acordar a vida falecida,
e agora, abandonada pelo cantar dos pássaros,
solitário está aquele corpo, já começando a vagar
pelos caminhos da nova e infinita existência.
Será que ninguém vai se mover, nenhuma flor vai se abrir
será que a vida parou no tempo, falecida?
Por que não falar, chorar, gritar, ou então